Socialidades praianas no Rio de Janeiro no início do século XX [1]

Rosane FEIJÃO[2]
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo parte de fotografias veiculadas em revistas publicadas na cidade do Rio de Janeiro em momentos distintos da história da cidade para refletir sobre as mudanças ocorridas nos ambientes praianos ao longo do século XX. As praias, frequentadas a partir do século XVIII para fins terapêuticos, firmaram-se como espaços destinados ao lazer ao longo do século XIX e começo do XX, tendo como principal atividade o banho de mar. A flexibilização dos costumes e as transformações da moda nos anos 1920 que permitiram aos corpos maior exposição ao sol, fizeram das praias da Zona Sul do Rio de Janeiro importantes lugares de socialidade quando estas passaram a abrigar atividades que demandavam maior permanência, possibilitando interações sociais mais duradouras e diversificadas.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro, socialidade, praias, revistas, moda.

TEXTO DO TRABALHO

O Rio à beira-mar

Entre as obras empreendidas durante a grande transformação urbana do início do século XX no Rio de Janeiro, a que mais mereceu atenções e estudos até hoje foi a Avenida Central. Apesar de tal preferência ter sua razão de ser, já que foi neste espaço que se concentraram os mais importantes símbolos de modernidade do período, este trabalho irá partir da abertura de uma avenida menos comentada, mas que talvez tenha tido uma influência mais determinante e duradoura sobre o caráter da cidade do que todas as outras intervenções: a Avenida Beira Mar. A construção desta via tornou possível a expansão da cidade rumo à Zona Sul, iniciando uma sequência de novas avenidas – Atlântica, Vieira Souto, Delfim Moreira e Niemeyer – que acompanhavam o desenho proposto pela natureza, tendo o mar como fronteira.

Segundo documento de 13 de abril de 1903 da Comissão da Carta Cadastral do Distrito Federal, a justificativa para a construção da Avenida Beira Mar foi "dar desafogo ao intenso movimento (…) entre a cidade e os bairros do Cattete, Botafogo e adjacências",

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UERJ, e-mail: feijão.rosane@gmail.com.

possibilitando um trajeto "mais commodo, com o frescor da brisa marítima e o encanto pittoresco da nossa bahia" (BENCHIMOL, 1990: 35). As "adjacências" a que se refere o documento abrigam hoje os bairros situados ao longo do litoral sul, tais como Urca, Copacabana, Ipanema, Leblon e Gávea, ou seja, tais "adjacências" se tornaram a porção mais valorizada da cidade.

O que hoje nos parece muito lógico ou natural foi uma opção urbanística ousada, pouco utilizada naquela época por outras cidades com condições geográficas semelhantes. Ao longo da história, até o início do século XX, a proximidade com o mar fazia do Rio de Janeiro uma cidade portuária e não um balneário. Esta última condição só iria se firmar a partir das mudanças de comportamento em relação às praias iniciadas no continente europeu, quando estas deixaram de ser frequentadas apenas por questões ligadas à saúde para tornarem-se importantes polos de lazer e socialidade, no sentido que Michel Maffesoli dá ao termo. Para Maffesoli (2000: 114-115), socialidade pode ser definida como uma "forma lúdica de socialização", ou seja, uma coexistência social que nada tem a ver com finalidade, utilidade ou praticidade. Apesar de terem o banho de mar como objetivo comum, os frequentadores das praias cariocas daquele início de século muito rapidamente passaram a entender o quanto o ambiente praiano era propício ao "estar-junto" convivial e isso acabaria se tornando muito mais importante do que qualquer outra prática que ali pudesse vir a se desenvolver.

A valorização das praias como parte do ambiente urbano só aconteceu efetivamente após as obras de urbanização coordenadas pelo prefeito Pereira Passos, aí incluídas as avenidas Beira Mar e Atlântica. É possível perceber a transformação simbólica operada nesses espaços a partir da construção da Avenida Atlântica, em Copacabana, no início do século XX, quando as casas passaram a ter a frente voltada para o mar:

> Basta lembrar que até a construção da avenida Atlântica os imóveis fronteiriços à praia tinham entrada pela avenida Nossa Senhora de Copacabana (aberta em meados do século anterior) e que, portanto, a orla era ocupada pelos fundos dos quintais de moradias que, alheias ao desfrute marítimo, davam as costas ao oceano. (O'Donnell, 2013: 55)

As consequências de tal mudança vão muito além da dimensão puramente espacial ou urbanística. Com as obras de urbanização da orla – primeiro a de Copacabana, e, em seguida, a de Ipanema e do Leblon – as praias passaram a receber com maior frequência não somente os moradores daquela região, mas também visitantes que para lá afluíam em seus momentos de folga, em busca de diversão, ligada ou não ao banho de mar. Além dos restaurantes, os bairros atlânticos atraíam também pela possibilidade de reunir os amigos

para piqueniques em cenários considerados paradisíacos. O longo passeio sobre as calçadas de pedras portuguesas entrou na moda e ganhou o status de evento social. Já praticado em outros locais da cidade, o *footing* agora também acontecia à beira mar.

As praias da zona sul como espaços de saúde, lazer e sociabilidade

No início do século XIX os relatos sobre atividades de banhistas nas praias da cidade sugerem que a prática já era plenamente adotada em condições e com objetivos muito diferentes do que acontecia no continente europeu naquele momento. Affonso de Taunay destaca o relato do viajante inglês William Gore Ousley, que esteve no Rio em 1830, descrevendo os "magníficos banhos de mar de Botafogo" como "ótimos para senhoras" e intensamente frequentados por "famílias desejosas de se revigorarem naquelas águas de banhos tão seguros". Tal relato sugere que os frequentadores das praias cariocas já tinham a expectativa de extrair do ambiente algum tipo de prazer, ultrapassando o desfrute puramente terapêutico. Segundo Taunay, o próprio Ousley havia se rendido ao apelo das águas puras da Praia Vermelha, até ter seu prazer interrompido por vozes alarmistas, que costumavam ver no mar uma fonte inesgotável de perigos: "puzera-se a nadar para o largo, quando o avisaram do iminente perigo do assalto de um tubarão" (TAUNAY, 1942: 192).

No Brasil, o contato com o mar remonta ao período anterior à colonização portuguesa, já que, segundo relatos de viajantes quinhentistas, os índios costumavam nele banhar-se várias vezes ao dia (GASPAR, 2004: 31). É bastante possível que tais hábitos tenham permanecido entre as camadas menos letradas da população, que não precisavam de teorias higienistas para perpetuar um prazer há longo tempo conhecido.

Foi em meados do século XIX que médicos e cientistas passaram a aconselhar os cariocas de todas as camadas sociais a desfrutarem dos benefícios que o sol, o sal e o iodo unidos poderiam trazer para a saúde. Pode-se pensar, portanto, em um movimento contrário ao que se deu nos balneários da França ou Inglaterra. Enquanto nesses países o banho de mar foi iniciado por volta do século XVII por iniciativa da aristocracia, que o tomava como cura para males do corpo e do espírito, em terras (ou em águas) brasileiras, as camadas mais ricas da população foram as últimas a estabelecerem contato físico frequente com as águas do mar.

De uma forma ou de outra, o uso que tanto populares quanto aristocratas fizeram das praias do Rio de Janeiro ao longo do século XIX e mesmo no início do século XX têm um caráter distinto daquele documentado em fotografias publicadas pela revista *ParaTodos*

em 28 de janeiro de 1928 (Anexo 3). Tais imagens disseminavam um estar na praia que não se restringia aos rápidos banhos de cura ou a uma atividade fortuita, ligada ao prazer trazido pelos recursos naturais disponíveis, que durava o tempo de um mergulho, às vezes um pouco mais. As fotografias em questão mostram que diferentes classes sociais passaram a fazer das praias um lugar de encontro e permanência: os banhistas aparecem em grupos, num ambiente festivo, espalhados pelo mar e pela areia, transformando aquele num ambiente de convívio e efervescência.

A comparação de ambientes praianos, registrados em veículos midiáticos semelhantes em diferentes momentos, podem nos dar indícios da mudança efetuada na ocupação desses espaços. Durante a década de 1910, embora o banho de mar já fosse considerado uma atividade de lazer e, portanto, na maioria das vezes praticado em grupo, a praia ainda não era ocupada como um lugar de estar, de permanência mais prolongada. As características desse primeiro período são analisadas através de fotografias de duas edições de janeiro de 1910 da revista *Careta*. Na década seguinte, a transformação ocorrida na utilização das praias ecoa na forma como os frequentadores desses ambientes são fotografados. As imagens publicadas na revista *ParaTodos* de 28 de janeiro 1928, já exibe tais mudanças, as quais serão comentadas a seguir.

Em 8 de janeiro de 1910, a revista *Careta* publicou uma página contendo quatro fotografias com cenas de banhistas na Praia de Santa Luzia (Anexo 1). O nome pode soar estranho mesmo para os cariocas, mas o local, próximo ao Centro, era muito procurado para banhos de mar, embora hoje ele já não exista mais: a praia foi aterrada e sobre ela (e mais algumas outras) foi construído o Aeroporto Santos Dumont. Com o título "As nossas praias", a reportagem fotográfica nos mostra pessoas que se divertem dentro de um mar de águas calmas. As imagens foram provavelmente feitas por alguém que estava sobre um trapiche ou, talvez, em algum tipo de embarcação, já que em todas elas o mar aparece em primeiro plano. A legenda, "Banhistas na praia de Santa Luzia", não nos informa muita coisa, mas indica o objetivo prioritário daqueles que ali estavam: o banho de mar como uma atividade de lazer – o que explica, de certa forma, o ângulo escolhido pelo fotógrafo: o mais importante daquele ambiente era o mar, era ele o motivo pelo qual todas aquelas pessoas estavam ali.

Como toda atividade de lazer, tais banhos implicavam em interações sociais. Vemos grupos de pessoas ora em círculos, ora nadando lado a lado, ampliando o prazer de ações que tinham o corpo como instrumento central por um estar-junto que valorizava a vivência

conjunta da experimentação coletiva. As relações que ali se estabelecem não eram apenas interindividuais, mas também ligava aquelas pessoas a um território, o território natural da praia (MAFFESOLI, 2000:169). Isso significa que muito provavelmente aquelas pessoas, mesmo não desenvolvendo contatos mais íntimos, se reconheciam como frequentadores daquela praia e partilhavam o mesmo gosto – um gosto ainda pouco disseminado – do contato com o mar. Os banhistas estavam, portanto, literalmente e metaforicamente, imersos em um meio ao mesmo tempo natural, cultural e social. O mar, nesse caso, aparece como um elemento de ligação tanto simbólico como físico: nas fotografias os corpos sob a água parecem fundir-se com ela, formando uma única grande mancha, composta pelo cinza do mar e pelos pontos de outras tonalidades das figuras humanas.

O mesmo pode ser observado em outra reportagem da mesma revista, duas semanas depois (*Careta*, 22/01/1910), que documenta a animação na Praia do Flamengo (Anexo 2). Com menos construções à volta, é possível ver a estreita faixa de areia, separada da rua por uma murada alta, onde se debruçam pessoas em trajes de passeio, apreciando o movimento dos banhistas. A indumentária própria para banho, escura e pesada, que ainda cobria grande parte do corpo, pode parecer extensa demais, mas já deixam à mostra parcelas de braços e pernas normalmente encobertos pelas roupas do dia-a-dia, principalmente em lugares urbanos públicos, como aquele o era. Certamente os corpos semidesnudos eram um atrativo a mais, um motivo a mais para reunir a pequena multidão de homens e mulheres que participavam da cena, observando o que se passava na praia.

A sensação é de movimento, tanto dentro como fora d'água: alguns nadam, outros sobem as escadas ainda em trajes de banho e na calçada, por trás da murada, o trânsito de pedestres é intenso. O espaço menos populoso é o da areia: os banhos de sol ainda não haviam se estabelecido como um hábito ou modismo a ser seguido. Não há guarda-sóis fincados na areia e, como não há qualquer área de sombra fornecida por algum tipo de cobertura, é de se imaginar que o tempo de permanência naquele ambiente não fosse muito longo. Mesmo assim, um clima festivo toma conta dos diversos ambientes retratados e é fácil imaginar o burburinho, os gritos das crianças e as risadas que provavelmente poderiam ser escutadas naquele momento. A prova de que tal algazarra efetivamente acontecia é a portaria municipal de 1° de maio de 1917:

> O decreto legislava sobre o comportamento à beira mar, exigindo "vestuário apropriado, guardando a necessária decência e compostura"; vetando o "trânsito de banhistas nas ruas que dão acesso às praias, sem uso de roupão ou paletós suficientemente longos, os quais deverão ser fechados ou abotoados e que só poderão ser retirados nas praias"; condenando "vozerios e gritos" nas águas; e proibindo "a

> permanência de casais que se portem de modo ofensivo à moral e decoro públicos nas praias, logradouros e nos veículos". (O'DONNELL, 2013: 103)

As fotografias publicadas nas revista *ParaTodos* de 28 de janeiro de 1028 nos mostra um panorama bastante diferente (Anexo 3). A maioria das cenas retratadas se passam na areia, onde mocinhas elegantes aprendiam a fazer poses provocantes, expondo sem pudor as pernas ao sol e às câmeras, que com frequência enquadravam esta parte da anatomia feminina em primeiro plano. Serviam-lhes de modelo as atrizes do cinema que, além de serem vistas nas telas, tinham sua imagem propagada em revistas como a própria *ParaTodos*, cujo assunto principal era justamente o cinema.

Como o jogo social que ali acontecia agora perdurava por horas sob o forte sol do verão carioca, guarda-sóis e sombrinhas japonesas tornaram-se acessórios indispensáveis e, mais do que isso, elementos de moda. Julia O'Donnell (2013: 140) relata que na década de 1920 os clubes sociais praianos promoviam festas e eventos como uma nova forma de usufruto da vida social à beira-mar e cita como exemplos a "Festa da Sombrinha" e a "Festa da Ventarola". Não é à toa, portanto, que uma atenção especial era dada a estes adereços e que, como se pode perceber pelas fotografias, eles se associavam ao jogo de sedução encenado pelas banhistas mais desinibidas.

Outra grande diferença entre as fotos da década de 1910 e a de 1920 é o enquadramento. Já foi citado aqui que o mar, antes soberano em primeiro plano, no segundo momento, das fotografias exibidas pela *Paratodos*, deixava até mesmo de aparecer em grande parte das fotos. Mas, além disso, e talvez mais importante ainda é a personificação da foto, ou seja, o assunto principal da fotografia passa a ser a paisagem humana, os indivíduos, que agora são plenamente identificáveis, já que a câmera se aproxima deles, estampando com nitidez não apenas suas silhuetas, mas também seus rostos, seus sorrisos e olhares. Até então, só eram publicados instantâneos de personalidades em trânsito pela Avenida Central, devidamente trajadas com o *chic* mais formal dos trajes de passeio. A praia torna-se, assim, uma nova passarela da elegância, uma elegância muito diferente, onde o despojamento é calculado não apenas para estar de acordo com a moda, mas também para não extrapolar as barreiras morais ainda vigentes.

Corpos desvelados

É notável a transformação ocorrida nos trajes de banho ao longo dos anos 1920. No começo da década, os modelos femininos usados nas praias cariocas ainda podiam chegar

até os joelhos e, mesmo já sendo confeccionados em jérsei, eram volumosos e apresentavam um aspecto pesado, acentuado pelo uso generalizado de cores escuras, como aparece no desenho que ilustra a publicidade da Casas Colombo, veiculada na revista *Fon-Fon!* de 22 de janeiro de 1921. A publicidade afirmava que "nas praias chics as roupas e toucas da Casa Colombo são notáveis pela elegância e conforto de suas linhas", fornecendo, portanto, indícios da existência de uma vida elegante nas praias, mas que ainda tinha no conforto um valor – herança, certamente, do tempo em que os banhos de mar eram prioritariamente ligados a questões de saúde.

No final da década de 1920, depois de muita polêmica, o maiô inteiro foi adotado pelas mulheres como o traje de banho da moda. Até então reservado aos homens, o maiô de malha colante e sem mangas expunha de forma inédita o corpo feminino, mas já era usado em Copacabana em 1928 sem grandes problemas. Apesar do uso de tal peça ter sido iniciado na Europa logo após a Primeira Guerra Mundial, ele só iria aparecer nas praias cariocas bem mais tarde, praticamente dez anos depois e, mesmo assim, dividindo o espaço com os antigos trajes de baeta[3], precursores da moda-praia.

Anne-Marie Sohn (2011: 110) destaca a erosão progressiva do pudor corporal ocorrida a partir do início do século XX e aponta como fatores fundamentais a moda e o turismo balneário, que tinha na Cote d'Azur e na Normandia seus principais pontos de afluência. Os balneários tornam-se, a partir de então, lugares da moda, onde desponta uma vida elegante e mundana – não foi à toa que Mlle Chanel escolheu Deauville para abrigar uma de suas primeiras filiais. Na França, as imagens de corpos femininos seminus já alimentavam a publicidade de restaurantes e hotéis a beira-mar desde os últimos anos do século XIX. Cartazes, litografias e cartões postais exploravam o impacto e a atração suscitados pelas relativamente fartas porções de pele, expostas em desenhos de moçoilas desinibidas, convidando à experimentação de novas sensações que fariam os visitantes esquecer as "nevroses" adquiridas na vida pautada pelos superestímulos das grandes cidades.

Segundo Alain Mons (2013), o aparecimento da pele em lugares públicos atua decisivamente sobre o espaço modificando sua atmosfera. A pele exposta, sugere Mons, contamina o meio ao se fazer perceptível, e, mais do que isso, irresistível ao olhar, provocando um "efeito epidérmico" sobre o espaço. A superfície do corpo e a superfície da

[3] Os primeiros trajes de banho eram confeccionados com um tecido escuro e grosso, feito de lã, chamado baeta, imune a transparências mesmo quando molhado.

cidade estabelecem um contato físico direto, "*peau contre peau",* interferindo diretamente uma na outra (MONS, 2013: 178).

Os corpo nus – ou seminus – em espaços públicos podem também ser entendidos como atratores, no sentido que Maximo Canevacci (2008: 16) dá ao termo, já que têm "a capacidade de exercitar uma potente atração visiva, graças ao elevado conteúdo de fetichismo visual incorporado". Para explicar melhor o conceito do atrator, Canevacci lança mão de uma comparação:

> Um exemplo clássico que pode ser utilizado para descrever um atrator é uma bolinha que rola sobre um plano. A bolinha é a pupila. Devido ao atrito, o movimento da bolinha tenderá a convergir sempre para a situação na qual a velocidade é nula. Isto é o atrator: o movimento zero. Então, quando o movimento é zero significa que o olho – que está distraidamente rolando sobre os panoramas visuais – é atraído por um código que paralisa a sua retina. O olhar se fixa graças à potência de um atrator. (CANEVACCI, 2008: 40)

Apesar de o pensamento de Canevacci ter sido desenvolvido para o mundo contemporâneo e o que ele chama e "metrópoles comunicacionais", seus conceitos podem perfeitamente ser aplicados para o objeto deste estudo, ou seja, o Rio de Janeiro do início do século XX, onde a transformação das praias cariocas em ambientes de estar social introduziu situações absolutamente novas para o contexto de modernidade que a metrópole carioca vivia naquele momento.

Os passantes que aparecem ao fundo na fotografia de 1910 da revista *Careta* (Anexo 2), debruçando-se sobre a murada para observar a paisagem, certamente deixam seu olhar repousar mais demoradamente sobre um ou outro banhista, ou, mais precisamente, sobre determinadas partes dos corpos desses banhistas, o que faz deste últimos, portanto, o que Canevacci chama de atratores.

De uma forma mais óbvia, os fotógrafos da revista *ParaTodos* de 1928 (Anexo 3) que registravam os corpos sobre a areia de Copacabana, orientavam seu olhar e suas lentes diretamente para os corpos – geralmente femininos – que portavam os novos trajes de banho e deixavam à mostra pernas, coxas, braços, ombros, colos. Mas, mesmo que tais corpos se oferecessem ao olhar, este jamais poderia ser demasiadamente fixo, sob o risco de se transformar em agressão. Um novo tipo de olhar se desenvolve a partir daí, um olhar supostamente *blasé*, que Jean-Claude Kaufmann nomeia como "*l'art de voir sans voir*" em seu estudo sobre a nudez dos corpos femininos na praia[4] (apud MONS, 2013: 22). Enquanto isso, as ruas dos bairros litorâneos mantinham os códigos de civilidade da cidade

[4] Alain Mons (2013: 22) cita o estudo do sociólogo Jean-Claude Kaufmann sobre a nudez dos corpos femininos nas praias: *Corps de femmes, regards d'hommes*, Paris, Nathan, 1995.

urbanizada e moderna que requeriam maior recobrimento do corpo até para aqueles que se dirigiam às atividades praianas, como demonstrou o decreto municipal comentado mais acima.

A construção simbólica de um lugar: a praia

A imprensa teve um papel importante na construção do imaginário despertado pelas praias urbanas do Rio de Janeiro à partir da incorporação das mesmas à vida social e cultural da cidade. Os exemplos utilizados neste trabalho, pinçados com um espaço de 18 anos em edições de janeiro de duas revistas publicadas na cidade, demonstram as transformações ocorridas na utilização que se fazia daqueles espaços, com consideráveis reflexos no plano das sensibilidades de todos os cariocas, quer eles frequentassem ou não as praias do litoral sul. Uma série de práticas sociais se desenvolvem a partir da ocupação dos bairros litorâneos e suas praias, tomados preferencialmente como lugares de liberdade e descontração – mesmo que as mesmas fossem parciais, já que o poder público, atento aos novos hábitos, tentava controlá-los e regulá-los usando para tanto até mesmo a força policial.

Em seus primeiros números, revistas como *Fon-Fon!* e *Careta*, que começam a circular, respectivamente, em 1907 e 1908, não costumavam publicar fotografias dos ambientes praianos próximos da cidade. Quando o faziam, a legenda não continha muitas informações, mas indicava que aquelas cenas aconteciam nas "nossas praias". A falta de informações não impedia, no entanto, que tais páginas despertassem nos leitores sentimentos de desejo ou de curiosidade sobre lugares que pareciam encarnar um exotismo muito próximo, acessível. Mesmo que não muito frequentes, as fotografias publicadas pelas revistas ilustradas certamente foram, para muitos, o primeiro contato com as praias da Zona Sul. Através de tais imagens, o carioca aprendia que, sem sair da cidade, era possível experimentar momentos de evasão em plena natureza. As obras viárias e as linhas de bonde já disponíveis eram um facilitador para que, como preconizavam as quadrinhas impressas nos bilhetes de bonde, o carioca buscasse nas praias um lugar de contemplação tanto quanto um antídoto para a nervosa vida urbana do Centro da cidade:

> Teve em Copacabana a natureza,
> Ao fazê-la, tais mimos, tais riquezas,
> Que nada nos deixou a desejar
> Entediados, deixai teatros e ceias,
> Ide fitar-lhe as rochas e as areias
> E ouvir o Oceano em noites de luar. (O'DONNELL, 2013: 40-41)

Verdadeiras campanhas foram encampadas pela imprensa para que uma vida elegante se instalasse nas praias recém incorporadas à trama da cidade. Um exemplo é a série de reportagens assinada por "Iracema", que durou três anos na *Revista da Semana*:

> Sob a legitimidade de quem conhecia profundamente Biarritz, Trouville e Ostende, a cronista abria a série lamentando que, entre nós, as praias desertas eram o triste testemunho da pressa e do pragmatismo que permeavam a relação de nossas elites com esse espaço. Defendendo a praia como um lugar privilegiado de sociabilidade elegante, Iracema traça um verdadeiro plano civilizatório para o percurso que ia "do Leme à Igrejinha", dizendo que os *bars* que ali funcionavam deveriam ser pioneiros no provimento de condições de conforto, instalando cadeiras e para-sóis que convidassem as altas rodas da sociedade à fruição ao ar livre. (O'DONNELL, 2013: 101)

Embora dedicada ao cinema, a revista *ParaTodos* trazia também notícias da cidade e colunas sobre moda, teatro, literatura e até mesmo culinária. É notável, pois, sua abrangência cultural, atuando como formadora de opinião, disseminando modismos e flexibilizando velhos costumes. Um exemplo é a extensa reportagem publicada na edição de 7 de janeiro de 1922, sobre uma das mais famosas atrizes da época: Mary Pickford. Entre imagens do início da carreira da atriz e de outros trabalhos, surgem fotografias de momentos de sua vida privada, partilhada com o marido, Douglas Fairbanks. Chama a atenção as imagens do casal dentro da piscina, então chamada de "tanque de natação", perfeitamente de acordo com o discurso da entrevistada, empenhada em construir uma imagem saudável, adepta de esportes ao ar livre e dos banhos de sol, estes citados duas vezes ao longo do texto.

Na época em que a *ParaTodos* publicou a reportagem sobre Mary Pickford, os banhos de sol haviam recém entrado no rol dos procedimentos modernos, não somente por seus efeitos terapêuticos, mas principalmente em função da moda: a pele bronzeada deixava de vincular-se ao trabalho braçal para tornar-se símbolo de bem viver. Durante o verão de 1923 na Riviera Francesa, a estilista Coco Chanel se encarregou de disseminar a estética da pele tostada ao adotá-la para si mesma.

Os hábitos balneários ganharam suporte especial a partir de 1922, com a circulação do periódico *Beira-Mar*, definido por Julia O'Donnell (2013: 85) como um órgão lúdico e informativo, destinado a leitores que já haviam se informado das principais notícias pelos matutinos de grande circulação. Assim, conclui ela, o *Beira-Mar* tinha por objetivo a "articulação e divulgação da imagem de distinção e elegância com a qual aquela região já passava a ser referida nos maiores jornais da capital".

O *Beira-Mar* disseminava os hábitos nascidos nas praias, e se propunha a defender os interesses dos moradores do território que passou a ser conhecido pela sigla CIL,

Copacabana-Ipanema-Leme (o Leblon só seria incorporado mais tarde). É atendendo a estes objetivos que, em 1925, elogios ao banho de sol começaram a aparecer, revelando a mudança no gosto das banhistas e os novos caprichos da moda, ambos respaldados, naquele momento por discursos médicos, que viam benefícios para a saúde na conjugação dos banhos de mar e de sol (O'DONNELL, 2013: 167).

O hábito ou a moda dos banhos de sol foi determinante para que a praia se tornasse um lugar de permanência e, consequentemente, de maiores possibilidades do desenvolvimento de uma socialidade muito própria, marcada pelos apelos corporais e, consequentemente, pelo voyeurismo, como é possível depreender do trecho de artigo transcrito abaixo:

> Espie aquele grupo de moças morenas. Conheci-as ano passado, oxigenadas todas e alvas como lírios. Eram o prazer dos olhos e a agonia dos corações. A moda, contudo, escravizou-as exigindo-lhes o tom de iodo. E é um prazer vê-las, pela manhã, a queimar-se impiedosamente expondo-se aos raios de sol... Se a parisiense decretou tal moda, a brasileira, com muito mais facilidade, acaboclar-se-á. (*Beira-Mar*, *0*7/03/1926 apud O'DONNELL, 2013: 167)

O cronista dá a entender que havia conhecido o "grupo de moças morenas" na praia, no ano anterior, o que reforça a ideia da praia como um lugar tanto de convivência (ir à praia com amigos) quanto de encontro (fazer amigos na praia), firmando-se como um importante polo de socialidade na cidade. Uma socialidade que partia de uma intimidade impossível poucos anos antes, proporcionada pelo desvelamento dos corpos, pelas superfícies que se ofereciam ao olhar. Tal intimidade, no entanto, não se construía sem tensões. Seu ineditismo demandava que rapidamente fossem acordadas novas regras de convivência que regulassem aproximações e afastamentos, deslocamentos e posturas, olhares e diálogos.

A disseminação de tais códigos se deu em grande parte através das duas mais poderosas mídias da época: o cinema e a imprensa. As imagens nelas veiculadas influenciaram na formação de um repertório de comportamentos que incluíam desde a forma de caminhar sobre a areia até o jogo sutil de cobrir-se e descobri-se com roupões e de usá-los como proteção para sentar elegantemente sobre eles. *Fon-Fon!*, *Careta*, *Revista da Semana*, *Beira-Mar*, *ParaTodos* e muitas outras revistas e jornais que circulavam no Rio de Janeiro no início do século XX afetaram e foram afetadas pela expansão da cidade rumo às praias da Zona Sul. Novos modos de estar na cidade foram inaugurados, juntamente com novas formas de se comportar e de se vestir, que acabariam por formatar um estilo muito

particular de metrópole, marcado pela capacidade de adaptação a flexibilização dos costumes.

REFERÊNCIAS

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.

CANEVACCI, Massimo. *Fetichismos visuais – corpos erópticos e metrópole comunicacional.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GASPAR, Cláudia B.. *Orla darioca – história e cultura.* São Paulo: Metalivros, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

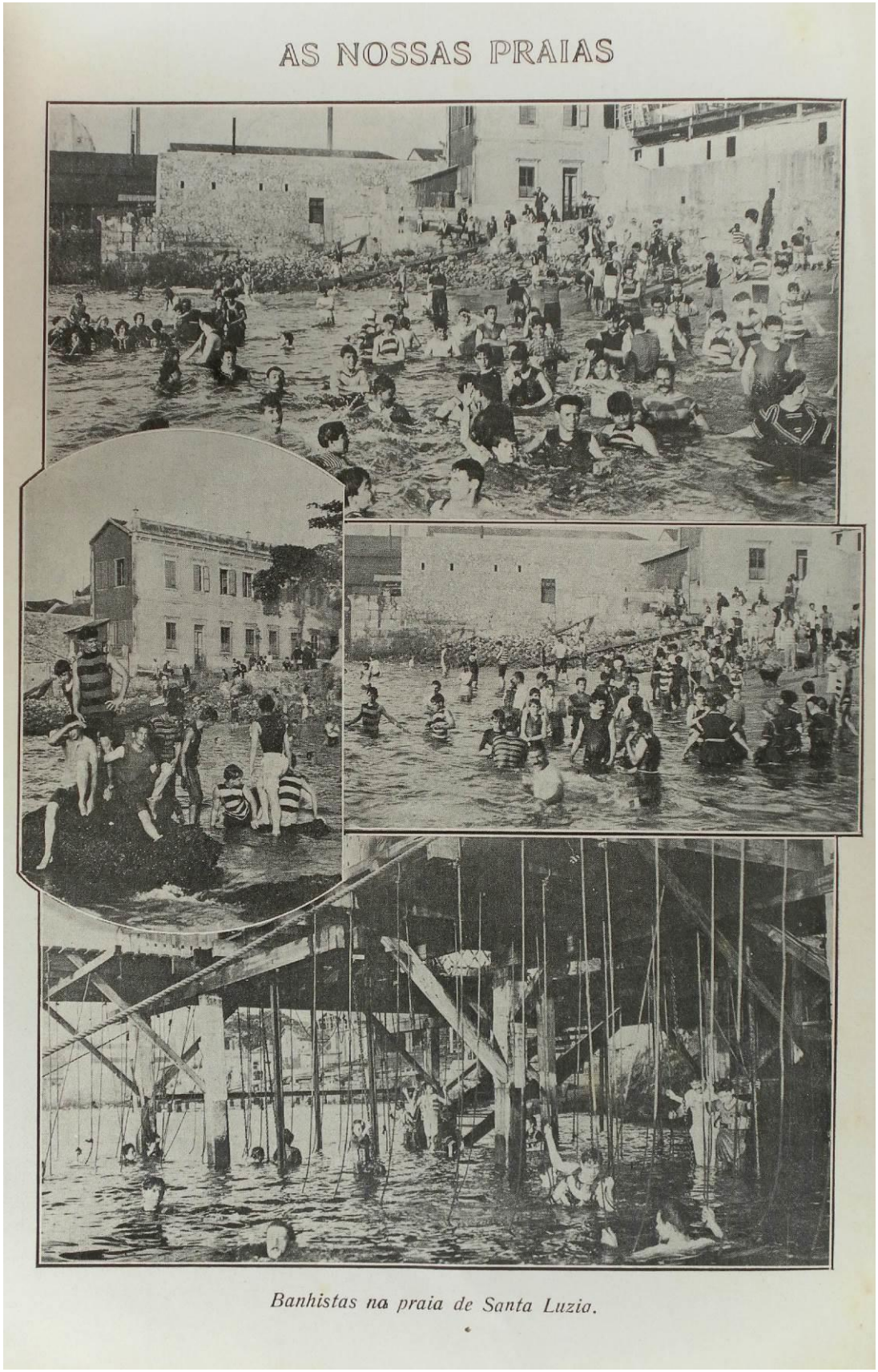
MONS, Alain. *Les lieux du sensible – villes, homes, images*. Paris, França: CNRS Éditions, 2012.

O'DONNELL, Julia. *A invenção de Copacabana – culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: COURTINE, J. e VIGARELLO, G. (org.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

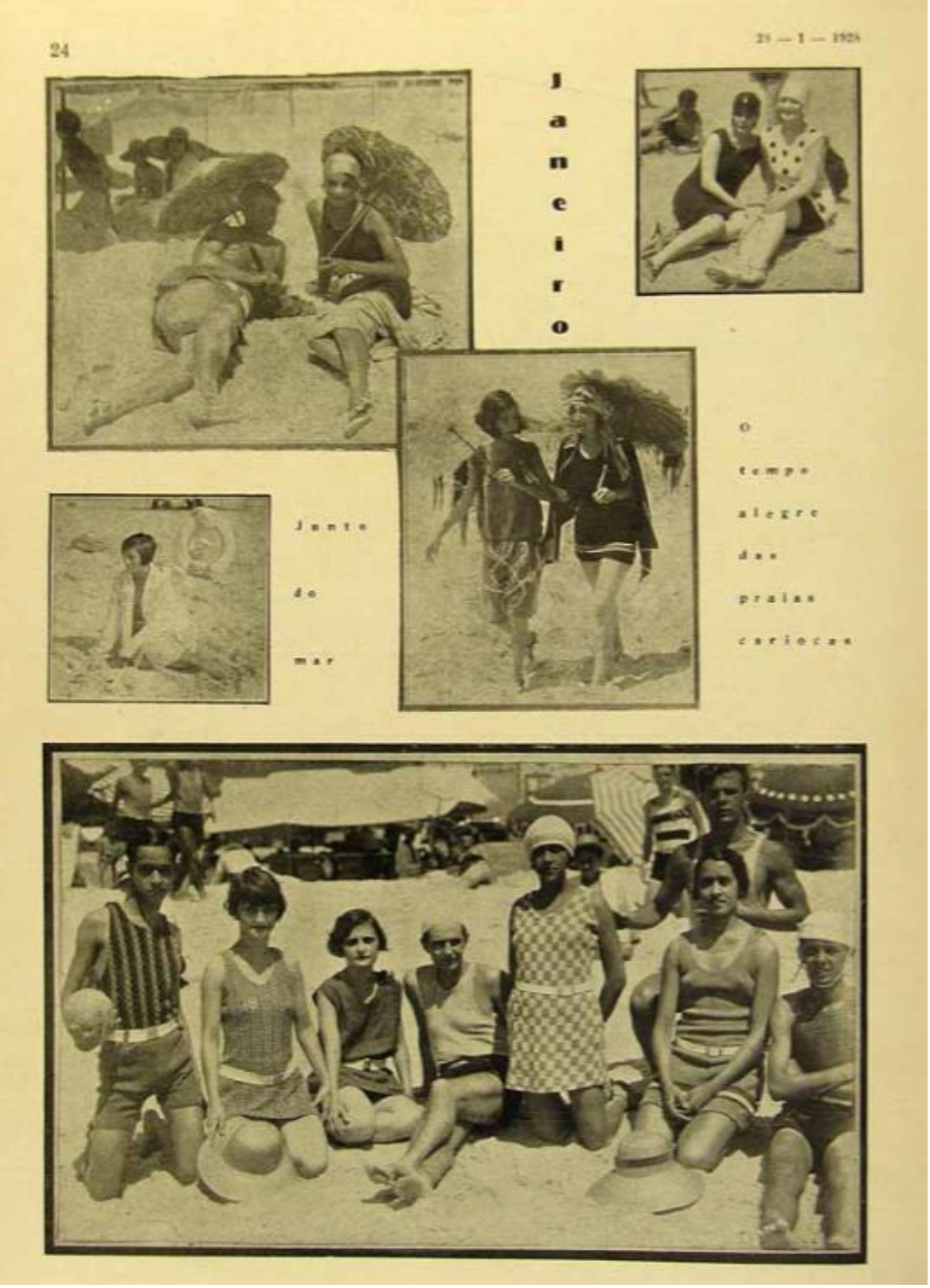
Revistas:
CARETA, 08/01/1910 e 22/01/1910. (Biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa)
FON-FON!, 22/01/1921. (Biblioteca Nacional – www.bn.br)
PARATODOS, 07/01/1922 e 28/01/928. (Biblioteca Nacional – www.bn.br)

ANEXO 1: Revista Careta – 08/01/1910.



Banhistas na praia de Santa Luzia.

ANEXO 2: Revista Careta – 22/01/1910.

I. Banhistas timidos que não largam as boias ou não se aventuram a grandes façanhas.— II. Banhistas audazes, cuja intrepidez envergonha e deslumbra os timidos.— III. A Praia do Flamengo, no logar denominado High-Life, aonde desembocam as ruas Paysandú e Barão do Flamengo.

ANEXO 3: Revista ParaTodos – 28/01/1928.